

PROFESSORES E PROFESSORAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: PRÁTICAS DOCENTES E REPRESENTAÇÕES

Marcia Gobbi¹

Resumo

Entre as questões educacionais que possuem certa tradição não encontramos com frequência preocupações voltadas ao ensino de Sociologia no ensino médio, ou ainda menos, sobre a profissão docente. Este artigo se propõe a discutir práticas pedagógicas de professores (as) de Sociologia – atores e autores da profissão – e representações docentes no ensino médio paulista. O exercício da profissão docente é aqui focado objetivando um panorama do retorno da referida disciplina ao currículo escolar do ensino médio durante o ano de 2009 e início de 2010, período em que a mesma volta a figurar obrigatoriamente nas escolas do Estado de São Paulo. Consideram-se aqui docentes graduados em Ciências Sociais. Procura-se apresentar a relação entre as práticas docentes e a descontinuidade da disciplina nos currículos escolares paulistas.

Palavras-chave: “Ensino de Sociologia”; “Currículo”; “Práticas docentes”; “Formação de professores”; “Sociologia”

1 INTRODUÇÃO

Ao observarmos os contornos que permitam pensar o ensino de Sociologia² no ensino médio, última etapa da educação básica, é impossível não nos depararmos com as direções descontínuas que a disciplina vem trilhando ao longo de uma centenária história em terras brasileiras durante a implantação de suas várias reformas educacionais. As suspensões a que é submetida provoca-nos a pensar acerca das idas e vindas da disciplina escolar Sociologia em diferentes cenários presentes em sua história no Brasil, em destaque, o Estado de São Paulo, que figura entre os últimos a conceder, em 2008, obrigatoriedade à disciplina. Em 2009, mais uma vez e exultantes, viveu-se então o retorno da disciplina ao currículo das escolas públicas

¹Marcia Gobbi, Prof^ª Dr^ª da Universidade de São Paulo – departamento de metodologia de ensino e educação comparada. Contato: mgobbi@usp.br ou mgobbi@uol.com.br

² Utilizarei maiúscula ao referir-me a disciplina Sociologia.

da rede estadual paulista de ensino; período sobre o qual nos deteremos nesse artigo estendendo para o primeiro semestre de 2010, apresentando resultados de uma pesquisa ainda em andamento.

Após tantas suspensões que negaram direito a um grande número de jovens ao acesso a conteúdos e a construção de olhares advindos das Ciências Sociais, impedindo o desenvolvimento de uma tradição de ensino dessa ciência nas escolas, perguntamo-nos sobre o ensino desta disciplina escolar propriamente. Tais episódios de idas e vindas podem suscitar várias questões: quais as implicações do retorno da disciplina para o ensino médio? Quais as práticas pedagógicas no início de seu retorno ao currículo escolar? Há relações entre as reformas escolares e as práticas docentes no que tange ao ensino de Sociologia?

O atual estado em que se encontra a disciplina Sociologia nas regiões brasileiras já tem apresentado favoráveis mudanças quanto às pesquisas acadêmicas. Segundo Silva (2003), pode-se considerar, mais recentemente, que há uma retomada nas discussões sobre o ensino de Sociologia para o nível médio, podendo ser verificada uma regularidade na produção acadêmica sobre o tema, o que até então tinha a fragmentação como característica predominante. Ainda assim, entre ânimos e desânimos gerados nos intervalos em que a disciplina Sociologia comporá o currículo escolar é possível e necessário programar pesquisas objetivando conhecê-la mais profundamente, colaborando para a consolidação de linhas de pesquisas voltadas para as Ciências Sociais e Educação, considerando as especificidades do ensino.

Nesse artigo englobou-se o ano de 2009 e início de 2010. No Estado de São Paulo é neste ano de 2009 quando ocorre o retorno da disciplina ao currículo escolar do ensino médio. O *locus* da pesquisa foram escolas estaduais paulistas do município de São Paulo, concentradas nas regiões centro-oeste, oeste e noroeste. Na amostra utilizada foram considerados apenas os (as) professores (as) formados (as) em Ciências Sociais, o que num primeiro momento restringiu bastante o campo da pesquisa, posteriormente abrindo-se para considerar aqueles docentes em formação em cursos de complementação, ou cursos de curta duração com o fito de complementar os estudos da graduação. Procurou-se com isso não abrir mão de considerar aqueles que tinham ou estavam em formação em Ciências Sociais, elemento considerado importante para o desenvolvimento da pesquisa. Embora figurem entre os entrevistados profissionais que têm entre quinze a vinte anos de exercício da profissão, estes ministraram somente disciplinas de Geografia e História, mesmo com formação em Ciências Sociais, atuando em escolas públicas. Os (as) professores (as) estão na faixa etária

dos quarenta aos cinquenta anos. Procurou-se investigar as práticas docentes e o que as envolvem: recursos didáticos, metodologias de ensino, impacto das reformas escolares e, com isso, em entrevistas semi-dirigidas, identificar quais as representações docentes sobre a atuação profissional nesse período em que a disciplina escolar figura legalmente entre as demais compondo a grade curricular do ensino médio paulista. O objetivo é contribuir para a construção de conhecimentos na área e problematizar sobre formação docente a partir das práticas pedagógicas realizadas.

2 A DISCIPLINA ESCOLAR SOCIOLOGIA NO ÂMBITO DAS REFORMAS ESCOLARES E DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Neste artigo, serão destacados apenas os acontecimentos mais recentes, considerando que abordagens históricas desta disciplina escolar foram feitas de modo bastante rigoroso em estudos de Machado (1986), Meksenas (1995), Carvalho (2004) e Silva (2006), o que permite ao leitor compreendê-las para além de simples idas e vindas à revelia do desejo de professores, alunos, pesquisadores, mas como dependente da atuação de diferentes segmentos sociais e políticos da sociedade articulando-se num cenário composto por relações de poder e disputas constantes nos diferentes processos históricos e sociais de composição de disciplinas e currículos escolares.

Os últimos anos da década de 1990, pós LDB 9394/96, (Lei nº 9.394 de 1996) apresentam-se como muito importantes no que se refere às lutas empreendidas em defesa do ensino de Sociologia para o ensino médio, já que, ao mesmo tempo em que se obteve a presença da Sociologia nos currículos de ensino médio, ela fora compreendida como a inserção de seus conteúdos a partir de outras disciplinas escolares, pulverizando e descaracterizando-a. Neste período merece destaque o Projeto de Lei nº 3.187-B de 1997 do então deputado do Partido dos Trabalhadores, Padre Roque Zimmerman, que alterava a LDB, explicitando a obrigatoriedade do ensino de Sociologia e Filosofia no ensino médio. Foram três anos de discussões, seminários e fóruns. Tendo tramitado no Congresso Nacional, foi aprovado pela Câmara dos Deputados, e em 2001 o presidente da república, Fernando Henrique Cardoso, então vetou o referido Projeto. Em 2006, o Conselho Nacional de Educação incluiu as disciplinas Sociologia e Filosofia como obrigatórias no ensino médio, medida não implementada em São Paulo, o que fora acolhido pelo Conselho Estadual de Educação. Defendia-se que haveria uma interferência na autonomia das escolas e ao mesmo

tempo dos recursos financeiros e docentes envolvidos no processo para que se pudessem realizar as mudanças de modo qualitativo. A disciplina permaneceu optativa, podendo ser escolhida entre Filosofia e Psicologia.

Após diferir dos demais Estados da nação, em 2008, em São Paulo, delibera-se, após assinatura de carta-compromisso da então Secretária de Educação Maria Helena Guimarães, que a disciplina voltasse a compor o currículo de ensino médio das escolas públicas paulistas a partir de 2009, esboçando grande possibilidade de consolidação da mesma.

O retorno da disciplina aos currículos escolares tem suscitado preocupações sobre a formação dos docentes que passaram a ministrar tal disciplina escolar e quais suas representações sobre a disciplina e a prática docente. Considerando isto, vale ainda que “no calor da hora”, faz-se necessário buscar compreender, no âmbito das reformas educacionais, as distintas situações de práticas escolares de professores e professoras da disciplina, e o que as envolve. Depois de tantos anos de exclusão como os (as) professores estão lidando com as especificidades de seus conteúdos em sala de aula? Como lidam com as Referências Curriculares baseadas em apostilas encaminhadas pela Secretaria de Educação do Estado?

2.1 Disciplina escolar, professores (as) e as práticas docentes

A disciplina Sociologia, e a maneira como se insere no currículo escolar, é aqui entendida como “um conhecimento produzido através de relações sociais – e de relações sociais de poder”. (Silva, 1995, p.194). Nesta ótica, as disciplinas escolares e seus conteúdos são legitimados através dos embates estabelecidos entre os diferentes grupos sociais podendo, contudo, no seu transcorrer, passar por várias manifestações de resistências, estas muitas vezes, ensejadas pelos (as) professores (as) em exercício, o que sugere investigações.

Com vistas a uma aproximação do quadro de docentes estaduais para chegarmos até os professores entrevistados e que atuam com a disciplina Sociologia atualmente, os dados coletados apontam para um quadro não tão favorável no âmbito de uma rede tão ampla. Segundo dados coletados por Lennert, (2009) entre 20.339 professores de Sociologia, 12,3 % são licenciados na área. Temos que a área de Ciências Humanas conta com o menor número de professores, o que pode ser visto como menor peso dessa área no currículo. Formados em Ciências Sociais ou Sociologia aparecem em menor número. Segundo o Censo da Educação Básica de 2009, há 5.328 no estado de São Paulo num total de 102.812 professores em toda a rede. Na mesma área o maior número está com licenciados em História. Pode-se inferir que se

trata também de uma distribuição da carga horária de ambas as disciplinas. Enquanto Ciências Sociais tem uma aula por semana, História conta com três aulas semanais.

Considerando os dados apresentados por Lennert (op.cit) os (as) pedagogos (as) compõem o maior grupo de profissionais formados que se incumbem das aulas de Sociologia, seguidos pelos historiadores, filósofos e geógrafos, sendo que também é possível encontrar ainda profissionais formados em ciências biológicas, psicologia, administração, engenharia, informática e outras áreas do conhecimento. É possível inferir que se trata do magistério como complemento de renda para os profissionais de outras áreas, como também, a ausência de postos na formação de origem, ou ainda, ausência de formação em cursos de licenciatura e afirmação da importância do magistério como profissão para os graduados em Ciências Sociais.

3 SOBRE O QUE É SER PROFESSOR DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO EM SÃO PAULO

Segundo as entrevistas, o ato de lecionar fora percebido, como afirma Bittencourt (2005) como uma ação complexa que exige o domínio de vários saberes específicos: mobiliza-se os saberes da disciplina, os saberes curriculares, os saberes da formação profissional e os saberes da experiência, isto combinado a desabafos, insatisfações, expectativas quanto às aulas, conteúdos e alunos. Tardif e Lessard (2005) afirmam que este trabalho está impregnado de relações sociais obrigatoriamente estabelecidas, o que lhe atribui natureza específica, e essas características próprias da docência merecem ser questionadas, dada a singularidade e as implicações no próprio ato de lecionar. Negociação, controle, persuasão, promessa, bem como, cuidar, controlar e ensinar estão embutidos nas práticas docentes e estão evidentes em falas de muitos dos (as) professores (as) entrevistados. Contudo, se a prática docente atualmente é manifestada por eles como compromisso, participação e rigor, a escolha pelo magistério não se dá com tamanha clareza. Pode-se perceber que a decisão pelo magistério é algo “um tanto por acaso”, como se referia um dos entrevistados.

Eu nunca quis ser professor, estava precisando no mercado de trabalho. Deixa eu ver como é dar aula. Na verdade, eu nunca desejei. No meu histórico de vida eu nunca

brinquei nem de escolinha, porque nunca foi minha praia, nunca gostei, mas foi uma situação de consequências que acabou resultando nisto. (Henrique)³

Algumas das afirmações presentes nas entrevistas ao se referirem à docência e práticas pedagógicas soam como a necessidade de experimentar algo novo e não propriamente aproximam-se da escolha por uma profissão. Reitera afirmando,

Porque existe uma carência de sociólogos no mercado, então o que acontece, de acordo com a situação, é que quem é formado em filosofia e história, pode estar lecionando sociologia. Por uma carência e por uma necessidade que a escola tinha e eu já estava na escola, eu assumi as aulas de sociologia.

Pode ser apreendido o fato de que o magistério não foi opção entre a maioria dos entrevistados, porém, ao mesmo tempo em que se referem a ele como tendo sido escolhidos, ou mesmo ter sido “por acaso”, fazem questão de afirmar que não sairiam hoje do espaço escolar. É interessante, pois naturalizam o exercício atual da profissão, e adornam com dizeres favoráveis à mesma, mostrando seu caráter mais inventivo, comprometido, constituindo parte de sua identidade profissional: querem sair da escola e ao mesmo tempo permanecer nela como docentes. Essa forma dúbia ao referir-se à profissão deve-se possivelmente à perda de prestígio da mesma, isso aliado ao fato de que a formação acadêmica voltada à docência não é incentivada, além de que os certificados fornecidos perderam seu valor, tornando-se esvaziados de sentido. Logo, o que é ser professor de Sociologia no ensino médio, está vinculado ao prazer – às vezes desprazer – nos confrontos e encontros cotidianos e na descoberta da própria docência no exercício diário da profissão. Parece-nos que o ato criador, embora um tanto apartado do magistério de modo geral, encontra-se ainda presente, em brechas encontradas no cotidiano escolar, junto com os pares, no planejamento das aulas, com os (as) alunos (as), no comprometimento e responsabilidade de ser professor.

Teresa ressalta aspectos importantes quando se quer pensar na implementação de conteúdos para a disciplina, provocando-nos a pensar nos caminhos de sua consolidação. Em seu depoimento ela nos diz:

Quando falo em psicologia todos já sabem do que se trata. A sociologia tem que começar do começo. Ninguém sabe o que é. Percebo que falta preparo da própria escola até para passar para os alunos a importância da sociologia, a importância dessa matéria aí fora, para a vida deles [alunos (as)], eles acham que não reprova e não pensam no que vai ter de bom para mim.

De fato, Teresa chama-nos a atenção para a ausência da obrigatoriedade dessa disciplina nos currículos escolares ter implicado quase total desconhecimento, por parte dos

³ Utilizaremos para transcrição de entrevistas fonte Comic Sans MS, corpo 11 e itálico. (Nota dos Editores).

(as) alunos (as), do que representa, ou mesmo que conheçam a palavra sociologia, incluindo-a em seu repertório, o que dirá seus conteúdos e especificidades. Os (as) professores (as) vão encontrando formas de compreensão da disciplina e de torná-la inteligível para os (as) alunos (as). Sarandy (2004) sugere que é necessário compreender qual o sentido da Sociologia no ensino médio e para isso, quais objetivos se pretende atingir com ela e, fundamentalmente, compreendermos o que ela tem de específico em relação às demais disciplinas escolares. Ao longo das entrevistas percebeu-se que alguns professores (as) tomam para si a necessidade e o desejo de obter maior formação, para tanto cursaram e ainda estudam em cursos ministrados pela Secretaria de Estado da Educação, formação esta que ocorre em aulas não presenciais, ou mesmo buscando formação em faculdades da rede privada de ensino nos cursos de licenciatura. Quanto às práticas pedagógicas, o professor Henrique afirma:

O professor de sociologia, de filosofia, tem que saber se adequar à nova linguagem dos jovens, ele tem que se adequar aos recursos tecnológicos do jovem, o mundo que os jovens estão vivendo e a linguagem deles é diferente de nossa linguagem, já. Então, se ele não fizer essa adequação, a aula dele vai ser uma aula pesada, que só ele vai entender, ele mesmo. Isso é um problema. Então, é uma luta constante para você trazer a aula para a linguagem deles, para eles entenderem.

O professor Henrique sabe onde os alunos moram, tem informações sobre suas vidas pessoais e muitos são aqueles (as) que o procuram para contar episódios de sua vida privada. Em observação de aulas registrou-se que a linguagem coloquial é utilizada cotidianamente com os (as) alunos (as). Desejoso de maior aproximação entre todos, apresenta o hábito de organizar mensalmente piqueniques ou cafés da manhã, junto aos (as) alunos (as). O professor não estabelece qualquer relação entre esta atividade e as Ciências Sociais propriamente ditas. Ainda que saibamos que as escolas configuram-se como locais de socialização entre os jovens, mais do que a busca pelos conhecimentos escolares, Dayrel (2007), Abramovay e Castro (2003), é importante refletir sobre o papel do docente frente aos conhecimentos na área em que ministra suas aulas, ainda que o mesmo preocupe-se com momentos de socialização entre os (as) alunos (as), com a criação de espaços que cultivem amizades, relações sociais. Paulo apresenta o que para ele deve ser característico nas práticas docentes, enfatizando aqueles que trabalham com Sociologia.

Cara! Nós temos um trabalho para fazer. Eu acordei às cinco da manhã. Eu não vim aqui para brincar. Temos que fazer o corpo a corpo que ainda rola muito na escola pública, no ensino fundamental e médio. O corpo a corpo com os alunos. Peraí gente, vamos trabalhar! Você veio assistir aula, olha gente vocês têm que se comportar assim assado. Como dizia Nelson Rodrigues "ouve uma época em que estudante era pra estudar". Com um certo conservadorismo dele, tai, penso assim também.

Paulo demonstra que é um trabalhador e que há um trabalho específico a ser desempenhado que é próprio do magistério e daqueles que se dedicam à Sociologia, considerando suas especificidades. O profissionalismo aparece, demonstrando, nesta fala, que o ensino é algo especializado, complexo e que deve ser desempenhado com rigor. Trata-se de uma representação mais corrente nas últimas décadas a qual não parece estar dissociada de certa dose de vocação para a docência. Professor Paulo também afirma que um primeiro desafio é colocar no vocabulário “dos caras” a palavra sociologia. Inicia seus cursos com o que chama de “pelo menos incluir a palavra em seus vocabulários”. Ainda que pequena essa expectativa implica práticas iniciais de apresentação da disciplina aos alunos, considerando dados de sua formação histórica a partir dos conteúdos escolhidos para suas aulas.

Quanto às práticas pedagógicas, professor Pedro propõe como metodologia de trabalho que se faça uma série de debates em sala com temáticas variadas. Não utiliza referências bibliográficas explícitas como suporte para as discussões e o que pode ser percebido é que se tornam bate-papos informais entre ele e os (as) alunos (as). As temáticas propostas apresentavam assuntos que julga polêmicos tais como, violência policial, drogas, gravidez na adolescência, mas não se pode afirmar que os mesmos são frutos de observação do professor quanto às expectativas de debate dos (as) alunos (as). Quanto aos recursos didáticos, fora a utilização das apostilas enviadas pela Secretaria de Educação, somente os professores Pedro e Henrique afirmaram ter utilizado vídeo em sala de aula, sendo que demais recursos, não foram mencionados. Os filmes escolhidos parecem ter a perspectiva de abordagens polêmicas relacionadas à violência em diferentes aspectos.

Não temos uma grande novidade na inserção de vídeos e cinema como recurso didático no ensino de disciplinas das áreas de Ciências Humanas, conforme verificado em pesquisa de Takagi (2007). No entanto, se inicialmente a preocupação era questionar a memorização de conteúdos, tal como apresentado pelo professor Henrique, a prática adquire o aspecto de promotor de debates, de acentuar o percurso de aprendizado de um conteúdo e propor práticas em relação a uma determinada situação vista.

Em várias entrevistas merece destaque o uso das apostilas de Sociologia enviadas pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Segundo apreciação do professor Mário, sobre esta proposta temos que:

O grande problema, não só da sociologia, mas de todos os professores, é a atual política educacional, que cria uma cartilha e não respeita o regional, o limite do aluno, o ambiente

em que ele está inserido. Elas ignoram todo o conhecimento do aluno, e mandam o professor seguir aquele conteúdo e impor na cabeça do aluno, que nem sempre condiz com a realidade.

De fato merece sublinhar a percepção de certa desconsideração em relação aos professores e aos alunos, ainda que, segundo a Secretaria, os docentes tenham participado de consulta pública virtual, pela *internet*, com o intuito de conhecer e considerar práticas pedagógicas dos mesmos. Tal proposta visa um docente que faça uma “mediação pedagógica entre o conhecimento e os alunos, adequando o ensino ou 'traduzindo' para eles os fundamentos do conhecimento científico”. No entanto, a mediação que é, sem dúvida, importante para a construção de conhecimentos entre todos nos processos educativos, adquire o significado de transmissão de conteúdos, numa transposição didática, quando muito, dos mesmos, e não seleção, discussão, criação que envolva diferentes segmentos da escola.

Bom, eu procurei utilizar, como eu não tinha material algum e me coloquei a tarefa de introduzir a disciplina, os cadernos foram bacanas, cumpriram o papel do que eu imaginava resolver que era introduzir a disciplina. Fiz isso no segundo e terceiros anos porque eles não tiveram a disciplina e fiz na medida do possível introduzir os conceitos no interior das discussões mais específicas, no final discutindo a cidadania, Grécia, Roma, constituição, e essa coisa de mídia, assuntos que os alunos mais gostaram na internet. (Professor Pedro)

A apostila traz... Ela é rica em detalhes sobre os conteúdos, mas, os alunos ainda não estão preparados para trabalhar as apostilas. Eles esquecem que podem utilizar as apostilas. Esquecem as apostilas! Ou tem que colocar na lousa porque a maioria não trouxe. (Professora Isabel)

A apostila é boa. Queria que tivesse por parte do governo uma propaganda que dissesse da importância da apostila, desse material; de se utilizá-la, ensinar qual lugar é desses alunos, as diferenças sociais, em relação a empregos, tem alguns alunos que precisam entender a desigualdade em relação ao outro a diferença financeira conhecer, analisar. (Professora Teresa)

Nas entrevistas dadas pelas professoras Teresa e Isabel apresenta-se certo entendimento favorável quanto à presença das apostilas na escola. Vale lembrar que a professora Teresa não tem sua primeira graduação em Ciências Sociais, o que favorece tanto a aceitação das apostilas como apoio, como a necessidade de saber mais sobre os conteúdos nelas presentes. As apostilas são compreendidas como orientadores de práticas pedagógicas neste retorno da disciplina ao currículo escolar, para professores (as) que, assim como seus (as) alunos (as), talvez também não saibam plenamente o que e para que deva existir a

disciplina escolar Sociologia no ensino médio, elas consistem a base para definir conteúdos e aulas. Professora Teresa afirma,

Eu planejo minhas aulas e rotina sempre com base nas apostilas. Sempre a aula tem base na aula anterior, o que o aluno sabe, dúvidas. Uso o que está acontecendo no momento para ele se interessar, na realidade acomodar os interesses.

O professor Paulo reforça que no momento de implementação da disciplina a apostila se faz necessária. Porém, ao falar mais sobre sua prática afirma ter usado uma mesma apostila para todos os anos, não ter cumprido à risca o conteúdo proposto, e que pensa em criar algo novo, quando a disciplina se consolidar, afirmando que as apostilas podem ser abandonadas. Abandono total da apostila aconteceu pelo professor Ivan que as deixou de lado e começou a trabalhar com temáticas propostas por ele a cada aula ministrada. Assim como os demais entrevistados, alega a necessidade de se iniciar com conversas que contextualizam a disciplina ou a sociologia propriamente no ensino médio.

Apesar da ausência da disciplina nos currículos escolares brasileiros, não teríamos um pequeno acúmulo de discussões sobre conteúdos, propostas, práticas educativas, ainda que pequeno, que pudesse ser utilizado de modo a considerá-lo como ponto de partida para as novas propostas? Tais propostas podem ferir outras que se voltem para a autonomia das escolas e daqueles que as fazem cotidianamente, bem como, às suas culturas, considerando práticas docentes já apreendidas pelos (as) professores (as) e que se constituem nas relações com os pares dentro e fora da escola. Como afirma Tardif e Lessard (op.cit.) o cotidiano docente não é mera reprodução das práticas cotidianas, mas, introduz nelas tensões, conflitos, prazeres, incertezas. Não se tratando de um trabalho burocrático somente reclama ser compreendido sob aspectos mais aprofundados no que tange às práticas docentes, relações com os (as) alunos (as), especificidades das áreas de conhecimento com as quais lida.

Há implicações diretas quanto às práticas docentes, pois percebe-se que não são mais planejadas, mas sim seguidas à risca segundo prescrições alheias à unidade escolar. A autonomia docente cede espaço para propostas situadas fora do contexto educacional particular a cada uma das escolas. Ao mesmo tempo falar em autonomia docente remete-nos a pensar na presença de elementos que permitam a tomada de decisões sobre escolhas referentes ao currículo. Aliado a esta compreensão, segundo Sacristán (1998) deve-se tomar cuidado que ao apreender a prática docente nesse contexto, em que há certa precarização da formação, esquece-se das mazelas do cotidiano da profissão, prevalecendo as aparentes boas intenções. Porém, o que temos é uma nova forma de aferição das práticas e formação profissionais dos (as) professores (as). O indivíduo ganha perspectiva mais restrita em seu processo de

formação tanto quanto do exercício da profissão docente. Implica uma forma mais ligeira de conduzir esse profissional para uma prática descontextualizada, numa perspectiva que pode ser considerada a-histórica. É importante questionar a possível desvalorização da *poiesis* – o ato criador – tão cara ao exercício diário da docência, que o impele a pensar nos recursos didáticos, mas também a estabelecer relações com o contexto histórico, político, educacional e escolar no qual está inserido (ALMEIDA NETO, 2010).

4 PARA CONCLUIR

A história da disciplina escolar Sociologia tem, como já visto neste texto, características bastante singulares, sobretudo pela irregularidade em seu percurso no currículo, o que pode causar certa fragilidade àqueles que ministram a disciplina, para o estabelecimento de discussões consistentes sobre conteúdos, práticas docentes, materiais didáticos, organização da escola, número de aulas – tão reduzido, exigindo ampliação – condições de trabalho docente, entre outras características que parecem não existir de maneira tão forte nas demais disciplinas escolares que guardam um maior acúmulo de discussões e práticas entre docentes. As análises de entrevistas, observações, e levantamento bibliográfico muito têm contribuído para pensar a disciplina Sociologia, no que se refere à sua consolidação nos currículos escolares, e ainda mais, a partir da perspectiva dos atores e autores – professores (as) – que cotidianamente a constroem. As falas apresentadas aqui esboçam dúvidas corriqueiras quanto ao conteúdo a ser ensinado, o que já fora lecionado, quais metodologias devem ser privilegiadas, como conseguir que os alunos aprendam.

Ao iniciar as análises das entrevistas dos (as) professores (as) acreditava-se que o caráter episódico com que a disciplina Sociologia constituiu-se ao longo de mais de um século, seria fator fundamental a cultivar as práticas docentes, isto é ainda avaliado como elemento importante para a consolidação de discussões e da própria disciplina nas escolas. Seu aspecto vulnerável aos mandos e desmandos das políticas estaduais e federais impediram práticas pedagógicas mais consistentes. Em parte, essa característica tem consequências importantes para a consolidação da disciplina tornando docentes mais vulneráveis e alunos (as) desinformados sobre o que tratam as Ciências Sociais. Contudo, ao ouvir e ler as entrevistas transcritas parece possível perceber novos ares nas escolas e, sobretudo entre os (as) professores (as). Em que pese a falta de emprego, os novos e polêmicos concursos para provimentos de cargos de professores na área, alunos (as), desconhecimento de conteúdos a

serem ministrados, baixas condições de trabalho (o que não é pertinente somente a Sociologia) parece-nos que os professores (as) têm se animado com o retorno, tomando também para si o desafio de constituí-la como integrante no currículo escolar do ensino médio. Como afirmado na entrevista do professor Paulo, deixa transparecer com certa clareza ao afirmar que entramos no jogo com um placar desfavorável, mas com chances amplas de vitória, ou pelo menos, entrar em situação de pleitear outras condições para a disciplina e aqueles (as) que a ministram. Sugere que os demais percebam e façam perceber a necessidade de uma disciplina que leve a compreensão do homem em sociedade a partir do raciocínio sociológico, desenvolvendo imaginação, formas de pensar sociologicamente, do que não se pode abrir mão e o que exige enfrentamentos nos campos de debates e disputas que constituem o fazer pedagógico, as políticas públicas, as discussões sobre currículo. A inclusão desta disciplina nos currículos provoca debates, por vezes, acalorados, sobre os sentidos da formação docente, sobre o bacharelado e sua discussão – ou não – com a licenciatura.

A proposta deste artigo foi identificar aspectos das práticas docentes quando a disciplina escolar Sociologia retorna ao currículo do ensino médio em São Paulo. Os resultados evidenciam a importância da disciplina ao mesmo tempo em que professores (as) encontram-se aparentemente despreparados para lidar com seus conteúdos e as expectativas discentes, segundo o demonstrado nas entrevistas ao longo da pesquisa. As práticas recorrem àquilo que é sustentado pelas reformas curriculares do Estado e suas propostas, como articulador de conteúdos, orientadores da docência, o que implica a urgência em se estabelecer debates sobre: docência e Sociologia no ensino médio, práticas pedagógicas, recursos didáticos. Não basta figurar entre as demais disciplinas escolares, há que se refletir profundamente sobre qual o significado disto para os implicados. Buscou-se contribuir para a consolidação da disciplina escolar e fomentar discussões e demais pesquisas sobre conteúdos escolares, práticas pedagógicas em Sociologia, e formação de professores (as).

TEACHERS ANDE SOCIOLOGY IN SECONDARY SCHOOLS: TEACHING PRACTICES AND REPRESENTATIONS

Abstract

This article aims to discuss teaching practices of teachers and high school teachers who teach the discipline Sociology. The exercise of the teaching profession here is a focused objective overview of the return of that discipline to the school curriculum

of high school during the year 2009 and 2010, during which time it returns to compulsorily in schools of São Paulo. Teachers here are considered graduates in Social Sciences. It seeks to present the relationship between teaching practices and the discontinuity of discipline in the curriculum of São Paulo.

Keywords: “Teaching sociology”; “Curriculum”; “Teaching practices”, “Teacher training”;”Sociology”

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO, Mary G. (coords.), (2003). Ensino médio: múltiplas vozes. Brasília: UNESCO / MEC.

ALMEIDA NETO. Antonio S. de. Dimensão utópica nas representações sobre o ensino de História: memórias de professores. IN: Revista Educação & Sociedade. Volume 31, jan-mar. 2010, Campinas, p. 219-243.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (org). *Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2004.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. IN: *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007

GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

_____. La construcción social del currículum: posibilidades y âmbitos de investigación de la história del currículum. *Revista de educación*. Madrid, nº 295, p. 7-37, 1991.

_____. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. *Teoria & educação*. Porto Alegre, nº 2, p.230-254, 1990.

Lennert, Ana Lúcia. Professores de sociologia: relações e condições de trabalho. Dissertação de mestrado. FEUNICAMP. 2009.

MACHADO, Celso de Souza. O ensino da sociologia na escola secundária brasileira: levantamento preliminar. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo, v.13, nº 1, p.115-142, 1987.

MEKSENAS, P. O Ensino de Sociologia nas Escolas Secundárias. *Revista Leituras e Imagens*. GP Sociologia da Educação. Florianópolis: UDESC, 1995.

MEUCCI, Simone. A institucionalização da sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos. *Dissertação de mestrado*. IFCH. UNICAMP, 2000.

MORAES, Amaury César de. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. *Tempo social*. São Paulo, v.15, nº 1, p.5-20, maio de 2003.

_____. Por que sociologia e filosofia no ensino médio. *Revista de Educação*. São Paulo, nº 10, p.50-52, 1999.

_____. O veto: o sentido de um gesto. In: CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (org). *Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio*. Ijuí: Editora UNIJUI, 2004.

SACRISTAN, Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SARANDY, Flavio Marcos. A sociologia volta à escola: Um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil. *Dissertação de mestrado*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UFRJ.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

_____. (org) *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. Das fronteiras entre ciência e educação escolar: as configurações do ensino das ciências sociais no Estado do Paraná (1970-2002). *Tese de doutorado*. Universidade de São Paulo. FFLCH, 2006.

TAKAGI, Cassiana Tiemi Tedesco. Ensinar sociologia: análise de recursos do ensino na escola média. *Dissertação de mestrado*. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

TARDIF, M.; Lessard, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Tradução: João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Sistemas Educativos, Culturas Escolares e Reformas*. Portugal: Edições Pedagogo, 2007.

Data de recebimento: 06/07/2011

Data de aceite: 27/07/2011